



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

14, 15 e 16 de novembro de 2015

Notícias do Dia Entrevista "O momento é de cautela"

Álvaro Prata / UFSC / Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação / Inovação / Políticas públicas / Departamento de Engenharia Mecânica / Universidade Federal de Santa Catarina / Brasil / Pesquisa / PIB / Produto Interno Bruto / Estados Unidos / França / Alemanha / WEG / Lei da Inovação / Lei do Bem

ENTREVISTA

Álvaro Prata,

professor da UFSC, ex-secretário-executivo do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação

"O momento é de cautela"

Riscos. Crise e "amarras" burocráticas freiam inovação, afirma professor

FABIO GADOTTI
fabio.gadotti@noticiasdodia.com.br
@ND_ONline

Depois de três anos à frente das políticas públicas do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, no último período como o poderoso secretário-executivo, o ex-reitor Álvaro Prata, 60 anos, retornou ao departamento de engenharia mecânica da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) em abril. Nesta entrevista, ele afirma que o Brasil precisa de uma cultura da inovação, que os problemas de competitividade estão diretamente associados à baixa produtividade do brasileiro e que num momento de crise as empresas acabam arriscando menos. Ele também lamentou o atual panorama das universidades públicas federais: "Estão deixando de ser referências".

O senhor esteve nos dois lados do balcão, como pesquisador na universidade e, nos últimos três anos em cargos executivos no Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. O Brasil é criticado por investir pouco em pesquisa. Qual sua avaliação sobre o panorama?

Parte da solução para o momento atual vem do investimento em pesquisa. O Brasil, que precisa ficar mais competitivo, investe hoje em torno de R\$ 80 bilhões, 1,25% do PIB (Produto Interno Bruto) em pesquisa e desenvolvimento. É pouco. Os países que estão fazendo a diferença, nos surpreendendo e que são referências, aplicam de 3,5% a 4% do PIB. O Brasil poderia destinar pelo menos 2% do PIB na área. Uma das características da nossa pesquisa é que a maior parte desse investimento é feito pelo setor público, diferentemente de outros países, onde o setor industrial investe muito no setor. Precisamos que o setor industrial invista mais. Mas ele não investe porque não quer. É que é difícil. Temos impostos elevados, a infraestrutura não é adequada e uma burocracia intensa que também demanda recursos. Precisamos simplificar a vida do setor industrial para que o setor possa se dispor mais a correr o risco de investir na área. Porque há um risco associado à inovação, mas é absolutamente necessário se quiser ser vitorioso e ter produtos competitivos.

O senhor também associa a questão da educação à produtividade.

Esse é um dos assuntos críticos: um dos aspectos que afeta a produtividade do trabalhador brasileiro, que é baixa. O brasileiro, de uma maneira geral, trabalha muito. Num ano, trabalha em torno de 1.850 horas, mais do que nos Estados Unidos, França e Alemanha. O alemão trabalha



cenário. Prata destaca que o trabalhador brasileiro trabalha muito, mas que a produtividade ainda é baixa

1.400 horas por ano. Nosso rendimento é de 11 dólares pelo trabalho, o do alemão é em torno de 58. Por que um trabalhador alemão vale cinco vezes um brasileiro? Porque é mais qualificado, mais bem educado. A competitividade que a gente quer no setor industrial passa pela produtividade do trabalhador.

O que falta em inovação para melhorar a nossa competitividade?

Um conjunto de fatores. Precisamos aumentar a cultura da inovação, a sociedade passar a perceber que é importante. E a partir daí estimular a atividade empreendedora. Uma parcela muito pequena de nossos melhores alunos tem a ambição de se tornar um empreendedor de sucesso, de inovar. Normalmente, acham que vão ter sucesso passando num concurso ou com um emprego numa empresa mais competitiva. Se têm talento e competência, porque não abrir um negócio? E hoje esse cenário não é desortinado, porque quando esse jovem olha para a sociedade e para o mercado, não vê o estímulo e as variáveis que precisaria enxergar para ser estimulado.

Os dirigentes das empresas já incorporam essa mentalidade sobre inovação?

Cada vez mais. O que precisamos é tirar as amarras para avançar. Por que a indústria catarinense não inova mais do que poderia? Pelas condições que se colocam. Não estamos num momento em que se possa correr o risco e sair incólume de uma experiência mal-sucedida. O momento é de cautela. Nesse panorama, a tendência é ser conservador, se apegar ao que dá certo. E inovar é mudar, tentar coisas diferentes, ousar. Uma empresa como a WEG, por exemplo, coloca em pesquisa e desenvolvimento quase 4% do que fatura. É muito significativo.

O senhor é otimista sobre o desenvolvimento e competitividade da indústria brasileira a médio e longo prazo?

Temos que continuar otimistas, mas estamos num momento que nos entristece. Porque a gente enxerga várias oportunidades perdidas. Temos um sistema nacional de ciência e tecnologia muito forte, bons instrumentos e programas, mas precisamos estimulá-los. Pela lei da inovação, tivemos uma série de ações, entre elas a Lei do Bem, que oferece benefícios a empresas que investem em inovação. Essa isenção fiscal associada à lei da inovação está sendo retirada das empresas que inovam. A justificativa é que o país precisa arrecadar mais. O país administra mal os recursos, gasta mais do que ganha e quer aumentar a receita retirando de setores que precisariam ser estimulados. Um desserviço.

Como o senhor avalia o panorama atual das universidades públicas federais?

Estamos vivendo um momento muito crítico. Estou preocupado e incomodado com o que estou vendo. As universidades de qualquer país competitivo representam um patrimônio muito importante, sobretudo quando se fala de valores, cultura, ciência, tecnologia, desenvolvimento. Os países se apoiam nas suas instituições.

Nossas universidades estão deixando de ser referências, porque estão ficando muito ideologizadas. A gestão das instituições tem se tornado pouco efetiva, não priorizando esses valores acadêmicos maiores. As universidades têm ficado muito burocratizadas, nossos gestores precisariam abrir portas, fazer convênios, estimular parcerias internacionais, acordos com outras universidades, empresas etc. Muito do tempo dos gestores é consumido em pequenos problemas.

Doutor em engenharia mecânica pela Universidade de Minnesota (EUA).

Professor do Departamento de Engenharia Mecânica da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

Foi pró-reitor de pesquisa e pós-graduação da UFSC entre 2000 e 2004, e reitor de 2008 a 2012.

Foi secretário de Desenvolvimento Tecnológico e secretário-executivo do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

● A coluna "A vida segue" é publicada nesta página de terça-feira a sábado.

Diário Catarinense - Estela Benetti

"Medicina de Florianópolis é serviço de exportação"

Florianópolis / Medicina / Pierre Galvani Silveira / Clínica Coris / Rafael Franklin / Gilberto Galego / Juan Carlos Baroti / UFSC / Departamento de Engenharia Mecânica / São Paulo / Finep / Endeavor / Beto Sicupira / Marcel Telles / 3G Capital / Jorge Paulo Lemann / Brasil / Venture Capital / CRP / Nanoendoluminal / Hospital Baía Sul / Coreia do Sul / China / Nova York / Alemanha / México / América Latina

MEDICINA DE FLORIANÓPOLIS É SERVIÇO DE EXPORTAÇÃO

SANTO DE CASA FAZ MILAGRE, AINDA QUE MAIS EM OUTROS ESTADOS E NO EXTERIOR. O MÉDICO E PESQUISADOR PIERRE GALVANI SILVEIRA (C) E O GRUPO DE SÓCIOS DA CLÍNICA CORIS, DE FLORIANÓPOLIS, ENTRE ELAS RAFAEL FRANKLIN (E) E GILBERTO GALEGO (D), SE DESTACAM EM TRATAMENTO VASCULAR. CONFIRA A ENTREVISTA DE PIERRE SILVEIRA.



A Clínica Coris, da qual o senhor é um dos fundadores, se destaca na medicina cardiovascular. Que serviços vocês realizam?

Fazemos diagnósticos, tratamentos, pesquisas, consultorias e especializações.

Além de médico o senhor é professor da UFSC. Como avançou também como empreendedor nessa área?

Desde 1997 eu e o dr. Galego nos envolvemos em pesquisa clínica e aplicação de tecnologias. Nossa especialidade era 100% cirúrgica. A partir de 1992, pelo desenvolvimento alcançado por um argentino, Juan Carlos Baroti, a gente começou a se envolver nisso precocemente. Em 1997, começamos a desenvolver um dispositivo com engenheiros. Eu estava trabalhando na universidade (UFSC) com o Departamento de Engenharia Mecânica para o desenvolvimento de uma máquina para cortar *stents*. A gente fazia estudos experimentais. Ai encontrei engenheiros que prestavam serviços para uma empresa de São Paulo. Começamos um projeto e isso nos permitiu começar com essa tecnologia precocemente. Para se ter ideia, um produto desses demora de 7 a 14 anos para ir para o mercado. Fizemos um estudo clínico e em 1997 fizemos o primeiro produto da América Latina para esse tipo de doença.

Como isso repercutiu?

Em função desse produto, o grupo daqui passou a ter um reconhecimento nacional em inovação.

Ganhamos o prêmio Finep, o de melhor empresa incubada, o de empreendedores da Endeavor. Nossa avaliação foi com o Beto Sicupira e Marcel Telles (hoje da 3G Capital). Depois tivemos comemoração na casa do Jorge Paulo Lemann. Provavelmente, somos mais reconhecidos fora do que no Brasil. Com isso, a gente começou a fazer pesquisa clínica. A gente fez o primeiro estudo multicêntrico de prótese nacional. Depois virou um case de sucesso. Foi um negócio inovador. Do ponto de vista científico a gente sempre foi considerado um grupo inovador.

E como começaram a avançar no exterior?

Começamos a fazer contatos com empresas americanas que vinham nos visitar. A gente participou da primeira rodada de Venture Capital junto com a CRP, fomos a única empresa incubada a receber recursos. Capitalizamos e construímos a sede da Nanoendoluminal em 2000. A gente viajava o Brasil inteiro e fora do país para implantar os dispositivos. A gente também começou a oferecer cursos na clínica.

E os serviços para hospitais?

A gente fazia muito uma tutoria para hospitais. Cada vez que um médico implantava um dispositivo, um de nós acompanhava porque tinha mais experiência que eles. Isso foi muito interessante porque várias vezes a gente atendia um paciente aqui e a gente dizia que tinha que operar um aneurisma. Como a pessoa tinha recursos, ia num grande hospital de São Paulo. No dia da

cirurgia o hospital nos convidava para ensinar como fazer a cirurgia. Isso aconteceu comigo e com o Galego algumas vezes.

Vocês fizeram investimento alto em sala tecnológica para cirurgias. Como é este espaço?

Fica no complexo do Hospital Baía Sul. Hoje há uma tendência de sala híbrida. Incluir no mesmo espaço toda a tecnologia para cirurgia menos invasiva e para procedimentos cirúrgicos abertos. Temos anestesia, luz, todo o meio ambiente como se fosse um centro cirúrgico. E também o equipamento de imagem. O mesmo que faz o cateterismo pode fazer uma tomografia do paciente. Isso dá um ganho muito grande. O médico pode fazer um procedimento num pracinco com AVC e logo fazer uma tomografia para saber o resultado. Investimos nessa sala em torno de US\$ 2 milhões.

Que tipo de atuação vocês têm no exterior?

Somos muito convidados para fazer palestras em congressos no exterior. Outra coisa é consultoria para empresas. Uma vez por ano vou para a Coreia do Sul e China. Na China, temos um congresso e fazemos sessões em hospitais, com tratamentos de pacientes. Neste domingo estarei Nova York; em janeiro na Alemanha; e logo no México.

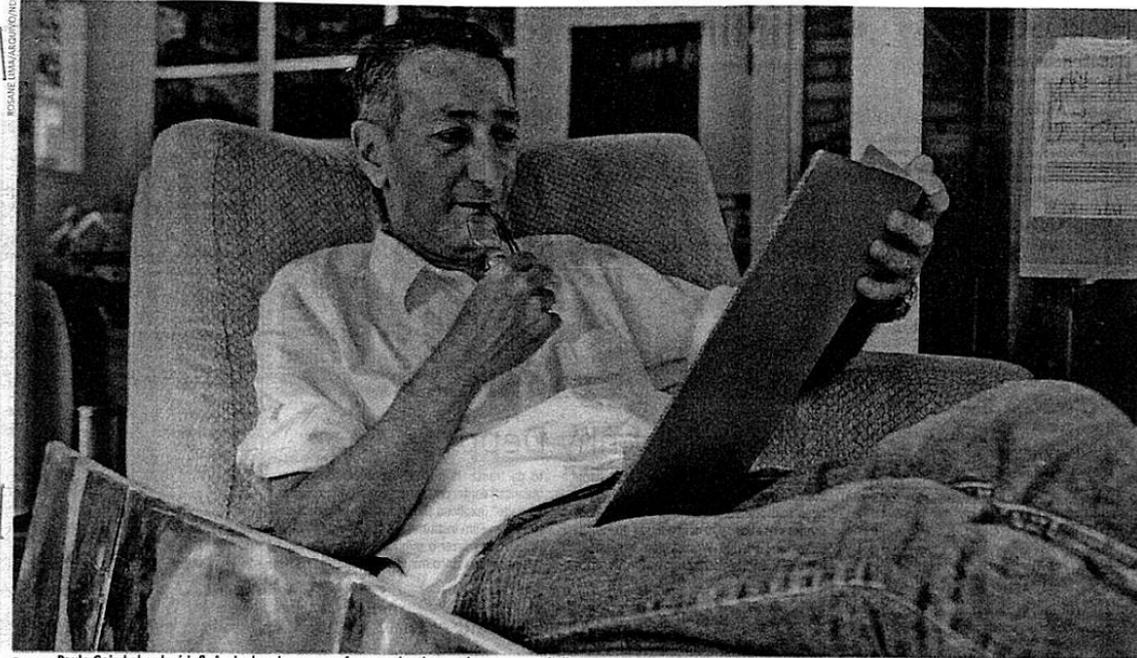
Que diferenciais da Coris o senhor destaca?

Hoje, aqui, a gente faz algumas coisas que, provavelmente, não são feitas no Brasil e América Latina.

Notícias do Dia Plural

“A poética de Gaiad”

Paulo Gaiad / Museu Victor Meirelles / Florianópolis / Anotações a caminho / Paulo Gaiad: A Poética da Viagem / Fifo Lima / Paulo Gaiad: Vida e Obra / Luis Felipe Soares / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Patagônia / Galícia / Croácia / Macedônia / Projeto Memória em Trânsito / Santa Catarina / Fundação Cultural Badesc / UnB / Universidade de Brasília



Evento. Paulo Gaiad abordará influência das viagens que faz ao redor do mundo em seus trabalhos

A poética de *Gaiad*

“Anotações a Caminho”, Artista ministra seminário em exposição com suas obras

MARCIANO DIOGO
marciano.diogo@noticiasodia.com.br

Paulo Gaiad, 62, começou a pintar nos anos 80 e, na década seguinte, passou a explorar colagens e textos em suas obras de arte. Atualmente reconhecido pela experimentação e técnica mista que mescla fotografia, pintura e desenho, Gaiad ministra seminário sobre seu trabalho amanhã à noite no Museu Victor Meirelles, no Centro de Florianópolis, local onde é realizada a exposição “Anotações a Caminho”, que reúne 16 telas do artista plástico. “Todo o meu trabalho é baseado na memória, para mim, a arte é justificada, tudo tem um porquê”, conta Paulo Gaiad, paulista radicado na Capital há mais de 20 anos.

No seminário “Paulo Gaiad: A Poética da Viagem”, que contará também com a participação do jornalista e pesquisador Fifo Lima, autor do livro “Paulo Gaiad: Vida e Obra”, e também do professor e pesquisador Luis Felipe Soares, da graduação de cinema da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), serão abordadas questões como o processo criativo de construção e o cruzamento de técnicas do artista. “Vou explorar como as

minhas viagens passam a fazer parte das minhas obras, o público vai poder entender como a arte pode ser menos automática e perpassar diversas questões até chegar a obra final”, explica o artista, que tem um vasto trabalho baseado em suas viagens por diferentes regiões do mundo.

Gaiad conta que guarda documentos e artigos de todos os lugares que conhece e que o interessam para depois transportar esses itens para suas obras de alguma forma. No caso da mostra “Anotações a Caminho”, que segue até dia 12 de dezembro, o artista plástico trouxe memórias das viagens que fez recentemente a Patagônia, Galícia, Croácia e Macedônia.

“Eu começo a recriar lugares por onde passei para que, caso precisar, eu possa recorrer e ficar. Eu documento uma memória para poder, se necessário, fugir e me agarrar ali”, observa o artista. Tanto a exposição “Anotações a Caminho” quanto o seminário “Paulo Gaiad: A Poética da Viagem” fazem parte do projeto Memória em Trânsito, que propõe aprofundar as pesquisas em torno das obras dos artistas que vivem e trabalham em Santa Catarina pertencentes ao acervo do Museu Victor Meirelles.

 **O quê:** Exposição “Anotações a Caminho”
Quando: Até 12/12, 10h às 18h
Onde: Museu Victor Meirelles, rua Victor Meirelles, 59, Centro, Florianópolis, tel. 48 3222-0692
Quanto: Gratuito

 **O quê:** Seminário “Paulo Gaiad: A Poética da Viagem”
Quando: 17/11, 19h
Onde: Museu Victor Meirelles, rua Victor Meirelles, 59, Centro, Florianópolis, tel. 48 3222-0692
Quanto: Gratuito



Articulações híbridas

A produção de Paulo Gaiad transita entre a pintura, o desenho, a fotografia, a instalação e a literatura. Com articulações híbridas, o artista também traz fragmentos de texto para parte de suas obras, com o intuito de provocar reflexões críticas sobre múltiplas linguagens. Além da mostra que é realizada no Museu Victor Meirelles, no dia 26 de novembro abre na Fundação Cultural Badesc, também localizada no Centro da Capital, uma exposição

Cruzamento. Produção transita entre a pintura, desenho, fotografia e literatura



com mais de 80 obras de toda a carreira artística de Paulo Gaiad. “Será mais uma explanação que uma retrospectiva”, afirma o pintor e desenhista. Nascido em Piracicaba, município do interior de São Paulo, Gaiad chegou a cursar arquitetura e urbanismo na UnB (Universidade de Brasília) e fez cursos de desenho livre até migrar da arquitetura para a arte. A sua primeira exposição individual acontece em 1987, já em Florianópolis, onde mora até hoje.

Diário Catarinense

Nós

“As cores do estado”

Mosaico Racial / Santa Catarina / Brasil / IBGE / Raça negra / Pretos / Pardos / André Luiz Santos / Do mar ao morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis / UFSC / Branca / Amarela / Indígena / Paraná / Rio Grande do Sul / Quilombo / Fundação Palmares / Incra / Comunidade Vidal Martins / Florianópolis / Preservação da cultura e da memória negra em Santa Catarina / Rodovia Guaberto Soares / Associação Remanescente do Quilombo Vidal Martins / Porto / São João do Rio Vermelho / Leste da Ilha de Santa Catarina / Jucelia Beatriz Oliveira / Igreja católica / Schirlen Vidal / Odilio Izidro Vidal / Estados Unidos / Joanna Crioula / Escravo / Manoel Fonseca do Espírito Santo / Angola / Cabinda / Congo / Guiné / Mina / Moçambique / África / Ubiratan Castro de Araújo / Antônio de Santa Pulcheira Mendes e Oliveira / Boaventura Linhares Vidal / Parque Florestal do Rio Vermelho / Fundação do Meio Ambiente / Fatma / Fundação Cultural Palmares / Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária / Incra / Blumenau / Joinville / Ilha de Santa Catarina / Atlântico / Desterro / Imperial Hospital de Caridade / Toca / Capitães do mato / Registro de Provisões / João Alberto de Miranda Ribeiro / Nossa Senhora do Desterro / Nossa Senhora da Conceição da Lagoa / Ribeirão da Ilha / Nossa Senhora das Necessidades de Santo Antônio / Henrique Espada Lima / História Diversa – Africanos e Afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina

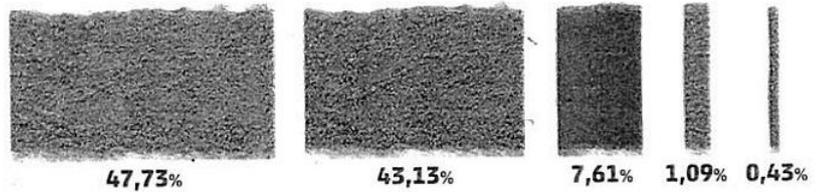
AS CORES DO ESTADO

Santa Catarina declara-se o Estado mais branco do Brasil. Segundo dados do IBGE, 15,3% das pessoas que vivem no Estado são de raça negra (conjunto de pretos e pardos). Essa proporção nem sempre foi assim. Em 2009, André Luiz Santos, na tese de doutorado *Do Mar ao Morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis*, pela UFSC, mostrou que, em 1810, um em cada três habitantes da cidade era de origem africana. Hoje, Santa Catarina reconhece 13 comunidades quilombolas em seu território - há outras remanescentes em processo de certificação.



POPULAÇÃO

BRASIL



PARANÁ	%
BRANCA	70,32
PARDA	25,09
PRETA	3,17
AMARELA	1,18
INDÍGENA	0,25

RIO GRANDE DO SUL	%
BRANCA	83,22
PARDA	10,57
PRETA	5,57
AMARELA	0,33
INDÍGENA	0,31

SANTA CATARINA	%
BRANCA	83,97
PARDA	12,41
PRETA	2,94
AMARELA	0,42
INDÍGENA	0,26



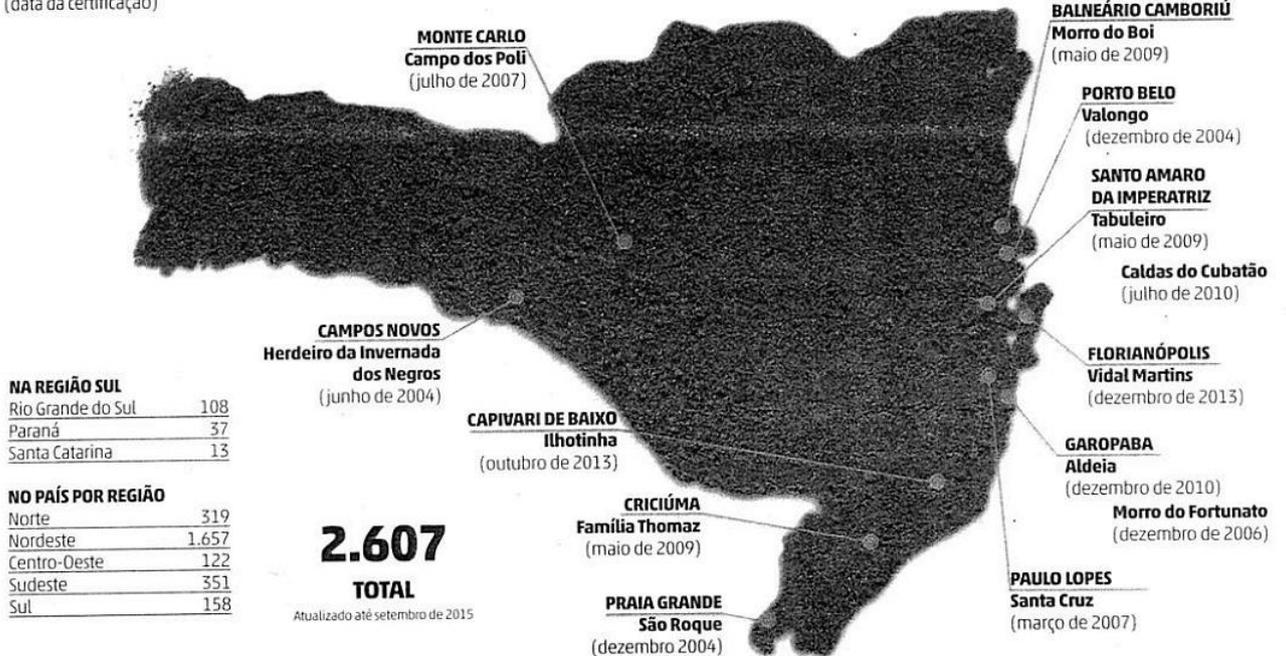
Proporcionalmente, Santa Catarina tem a maior população que se declara branca do país de acordo com o Censo de 2010.

83,97%

FONTE: CENSO 2010

QUILOMBOS EM SANTA CATARINA

(data da certificação)



NA REGIÃO SUL	
Rio Grande do Sul	108
Paraná	57
Santa Catarina	13

NO PAÍS POR REGIÃO	
Norte	319
Nordeste	1.657
Centro-Oeste	122
Sudeste	351
Sul	158

2.607

TOTAL

Atualizado até setembro de 2015

FONTE: FUNDAÇÃO PALMARES

FONTE: INCRA



A COMUNIDADE VIDAL MARTINS é o primeiro quilombo reconhecido em Florianópolis. Com 90 habitantes, representa um núcleo de preservação da cultura e da memória negra em Santa Catarina

ÂNGELA BASTOS
angela.bastos@diariocatarinense.com.br

A menina com a boneca no colo espera na porta. Ali, no número 9.543 da rodovia João Gualberto Soares, é a sede da Associação Remanescente do Quilombo Vidal Martins. A comunidade é a do Porto, bairro Rio Vermelho, leste da Ilha de Santa Catarina, Florianópolis. O acesso até o lugar onde Elen, seis anos, aguarda, se faz por um terreno de chão empedrado. A criança se antecipa às apresentações e boas-vindas:

– Esta é minha filha Índia. Sabe por que desse nome? Era o nome da mulher do Vidal Martins.

Elen está no primeiro ano. Ainda não aprendeu que índia não é um nome próprio, mas a etnia da mulher que casou com o tataravô de Helena, sua mãe e primeira dona da boneca. Mas certamente não embala apenas um brinquedo. Acalenta sonhos. Ao se identificar como descendente de Vidal Martins, abraça a própria ancestralidade.

Assim como as 90 pessoas que vivem no local. Um lugar onde as casas mesclam cimento e madeira, com espaço pequeno, obrigando algumas das 26 famílias a construir em dois andares. Imóveis ainda inacabados, com paredes à espera de pintura e goteiras no teto.

Realidade em desacordo com o senso comum, aquele aprendido nos livros de História do Brasil e narrativas oficiais, de que quilombo é um lugar de negros rebelados, fugitivos, escondidos no mato. Situação real do que seja um território remanescente de quilombo: grupos étnicos – predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana – que se autodefinem a partir das relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias.

No Vidal Martins é assim. A renda das pessoas vem do trabalho e das aposentadorias, algumas por invalidez, devido à lesão por esforço repetitivo. Outros em decorrência de força excessiva, como nos tempos de pescarias em mar aberto. As atividades mais comuns são serviços gerais e jardinagem. Também ajuda o talento dos moradores em trabalhos manuais: renda, desenho, artesanato, tranças no cabelo, música. Alguns desses produtos e saberes são levados para feiras e eventos. A escassez de terras inviabilizou a agricultura na comunidade.

Pá e colher de pedreiro substituem o som de enxadas e roçadeiras. O número de construções fechou os acessos para a lagoa. A canoa de pesca divide espaço com veículos. E esses, ainda que simples e velhos, com o canto estridente dos antigos carros de boi. Expostos, os fios de luz não deixam as pipas dos meninos ganhar os céus.

Sem espaço para brincar na rua, meninas como Elen se distraem dentro de casa com suas *abayomi*, bonecas feitas de tiras de pano. Aprendizado trazido dos navios negreiros. Na época, para acalantar e acalmar as crianças assustadas com a travessia, as mães rasgavam os vestidos e faziam as bonecas.

Jucélia Beatriz Oliveira, 57 anos, é bisneta de Vidal Martins. A matriarca da comunidade diz responder muitas perguntas sobre o fato de ali não ser praticada religião de matriz africana. Para ela, isso tem a ver com o fato de seus ancestrais terem pertencido a um representante da Igreja Católica. Hoje, a maioria das famílias da comunidade segue cultos evangélicos.

No começo, quando as sobrinhas Helena, 34, e Schirlen Vidal, 33, começaram a investigar sobre o passado dos Martins, o tio Odílio Izidro Vidal, 63 anos, achou que poderia vir mais uma frustração – sentimento gerado pela discriminação ao longo dos anos. Pescador aposentado por invalidez, Odílio fica nervoso quando fala do preconceito:

– As pessoas fugiam da gente simplesmente porque a gente era negro.

Enquanto isso, Elen acompanha as conversas dos mais velhos. Vez que outra, passa a mão na chueca na cabeça de Índia. A boneca subverte o estereótipo da “nega maluca”. Elen tem outra boneca negra, que ganhou de presente de uma pessoa que foi aos Estados Unidos. Diz que também brincaria com bonecas brancas se tivesse alguma. Porém, tem uma dúvida:

– Será que as meninas brancas seriam mães das minhas bonecas negras?



Eco VO afrio

Elen Vidal, seis anos, embala a boneca Índia, que ganhou esse nome devido à etnia da mulher que casou com o tataravô de sua mãe.

s de zes anas



“ EU DIGO PARA AS PESSOAS, PARA A MINHA FILHA: A GENTE NÃO É DESCENDENTE DE ESCRAVOS. SOMOS FILHOS DE UM POVO QUE FOI IGNORANTEMENTE ESCRAVIZADO. A ESCRAVIDÃO NO BRASIL FOI UMA IGNORÂNCIA. SOMOS DESCENDENTES DE REIS E RAINHAS QUE VIERAM PARA O BRASIL. O QUILOMBO É UMA HOMENAGEM A VIDAL MARTINS, MEU TATARAVÔ, DE QUEM MUITO ME ORGULHO PELA RESISTÊNCIA. MAS É VERDADE QUE SOFREMOS MUITA DISCRIMINAÇÃO. A NOSSA FAMÍLIA ERA CONHECIDA COMO FAVELINHA, OS NADA.

HELENA VIDAL, 33 ANOS



Jucélia Oliveira
entre as filhas
Helena (E) e Schirlen,
descendentes de
Vidal Martins

Filhas da resistência

Vidal Martins nasceu negro e pobre em 3 de julho de 1845 nas terras do Rio Vermelho. Era filho de Joanna, crioula escrava, e Manoel Fonseca do Espírito Santo, crioulo liberto. Descendente de africanos arrancados de lugares como Angola, Cabinda, Congo, Guiné, Mina, Moçambique e que em meados do século 18 chegaram à Ilha de Santa Catarina. Processo de migração forçada que fez dispersar 12 milhões de pessoas através do Atlântico e mergulhá-las na escravidão nas Américas.

Síntese da tragédia que se abateu sobre a África, observada pelo doutor em História, Ubiratan Castro de Araújo (1948-2013): “Filho separado de pai quebrando as linhagens que identificavam as etnias e nações; filha separada da mãe destruindo as famílias que consolidavam as solidariedades grupais”.

Os pais de Vidal Martins trabalhavam para Antônio de Santa Pulqueira Mendes e Oliveira, o primeiro padre residente na paróquia de São João do Rio Vermelho. O pároco não estava sozinho ao praticar tal submissão: negros escravizados trabalhavam para ordens religiosas, seminários, conventos. Documentos provam que o religioso lhes deu sobrenome e lhes concedeu liberdade.

Vidal se casou com uma moça chamada Maria Rosa, descendente de índios, os primeiros a viver na região. Ela era costureira e o casal teve nove filhos. Um deles foi Boaventura Linhares Vidal, que morreu aos 95 anos no mesmo Rio Vermelho onde viveram os antepassados. Ele dizia aos descendentes que os senhores dos seus avós haviam deixado terras para que formassem um quilombo na região.

É graças ao relato dos habitantes mais velhos, como

Boaventura, sobre as histórias que lhes foram contadas pelas antigas gerações, que a maioria dos quilombolas consegue reivindicar as terras. No caso de Vidal Martins, também contribuíram documentos obtidos de cartórios, igrejas e arquivos públicos. Pesquisas mostraram que os antepassados, mesmo libertos, permaneceram no território do Rio Vermelho.

CONQUISTA DO TERRITÓRIO

Na década de 1960, o governo exigiu que os habitantes deixassem o local para a construção do Parque Florestal do Rio Vermelho. Famílias que viviam da agricultura e da pesca tiveram que se mudar. Em 1962 a área foi definida como uma Estação Florestal com o objetivo de experimentação e identificação das espécies mais aptas a crescer e proteger a orla marítima através da fixação de dunas, mas também disponibilizar uma área verde para a população. Por 12 anos foram plantadas espécies de pinus e eucalipto. Também outras espécies exóticas, como casuarinas e acácias. Hoje, a própria Fundação do Meio Ambiente (Fatma) reconhece que as espécies exóticas plantadas, em menor ou maior grau, são invasoras.

Enquanto isso, os familiares de Vidal Martins que foram embora voltaram e compraram alguns terrenos readquirindo o que historicamente já lhes pertencia.

Por isso, a comunidade homenageia o antepassado, que morreu aos 65 anos, como símbolo de resistência. Reconhecida pela Fundação Cultural Palmares desde outubro de 2013, é a primeira comunidade quilombola certificada em Florianópolis. Depois, o processo da regularização fundiária foi aberto na regional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incrá) em Santa Catarina. Até o final do ano, é possível que esteja concluído o relatório antropológico elaborado por uma equipe da UFSC. O documento é exigência para o andamento do processo de titulação do território, que vai garantir a propriedade definitiva das terras aos quilombolas.

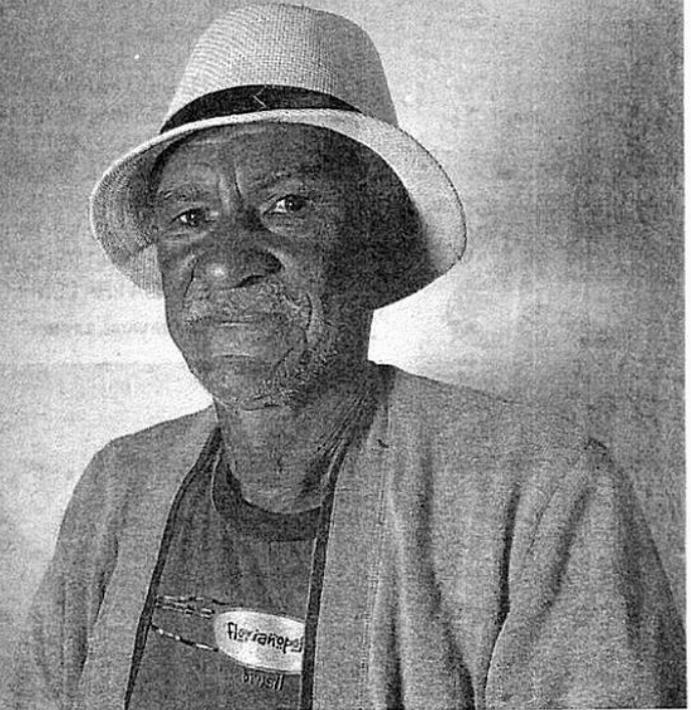
SEGUIE >



“

A GENTE FOI DISCRIMINADO EM TUDO. NA ESCOLA, EM TODO LUGAR QUE A GENTE IA, ERA SEMPRE DISPENSADO. NUNCA CHEGAVA UM GRUPO PARA BRINCAR. NAS PRACINHAS, AS PESSOAS FUGIAM DE NÓS PORQUE A GENTE ERA NEGRO. NOS BAILES, FICÁVAMOS EM FRENTE AO SALÃO. NÃO ENTRÁVAMOS, POIS A GENTE ERA DE COR. NÓS SOMOS UM EXEMPLO DE FORÇA E DE RESISTÊNCIA. ATÉ HOJE ESTAMOS NO MESMO LUGAR, DE PAI PARA FILHO, E DE FILHO PARA PAI. A GENTE RESISTIU ATÉ AGORA, CONTINUAMOS RESISTINDO

ODÍLIO IZIDRO VIDAL, 63 ANOS



Uma ilha na história do Atlântico negro

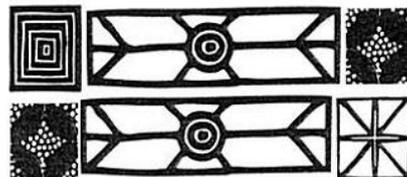
Tem um lado opaco na história de Florianópolis. O fato de pessoas de origem africana não figurarem na crônica oficial da cidade do século 19. Exceto quando citados pelo uso de mão de obra – construções de prédios antigos, trabalho das lavadeiras nos rios e córregos, transporte de água potável e detritos das casas.

O motivo disso é que Florianópolis, há bastante tempo, tem sido vista e interpretada como terra de tradições açorianas, e Santa Catarina como um Estado próspero graças à fixação de europeus. A economia catarinense antes da fundação das colônias de Blumenau e de Joinville é tida como insignificante; assim, o auge da escravidão no litoral e na Ilha de Santa Catarina é carente de atenção.

É o que observam as professoras e pesquisadoras Beatriz Gallotti Mamigonian e Joseane Zimmermann Vidal, organizadoras do livro *História Diversa - Africanos e Afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina*. O livro apresenta elementos para que se forme uma outra imagem da história da cidade entre os séculos 18 e 19.

Uma história diversa, dizem elas. Diversa em todos os sentidos que a palavra possui: diversa porque diferente da história contada até agora; diversa porque múltipla e porque expõe a diversidade; diversa porque está mudada; e, ainda, diversa porque é discordante. “A história da experiência africana deve ser integrada à história de Florianópolis e de Santa Catarina. Acima de tudo, situar Santa Catarina no Atlântico”, escrevem.

Porém, segundo números da Fundação Cultural Palmares, instituição pública voltada para a promoção e preservação da arte e da cultura afro-brasileira, a “invisibilidade” da presença de africanos e descendentes na memória histórica não é prerrogativa dos catarinenses. Os vizinhos Paraná e Rio Grande do Sul tornam a Região Sul a segunda com menor número de comunidades certificadas no país. São 158, em um total de 2.474.



Outra pesquisa chama a atenção. Em 2009, André Luiz Santos, na tese de doutorado *Do Mar ao Morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis*, pela UFSC, mostra que, em 1810, um em cada três habitantes da Ilha era de origem africana. O estudo aponta que com o fim da escravidão muitos libertos não tiveram condições de se manter. Um dos problemas era a moradia, especialmente no centro de Desterro. Surgiu, então, o primeiro grande bairro formado por negros. Chamava-se Toca e ficava atrás do Hospital Imperial, o atual Imperial Hospital de Caridade.

EM BUSCA DA LIBERDADE

Ainda que não seja reconhecido, o negro esteve presente no desenvolvimento do Sul do país. Um pouco diferente em termos numéricos do que nos grandes canais do Nordeste ou fazendas de café e minas de ouro do Sudeste. Por causa da atividade agrícola e da pecuária, no Sul, os senhores não tinham tantos escravos. Há documentos que mostram a presença de um único escravizado na propriedade que trabalhava ombro a ombro com o senhor.

Os primeiros indícios de quilombos na região datam de 1751. Na época, o governo baixou uma ordem

para que pessoas comuns ajudassem a capturar fugitivos. As fugas ocorriam principalmente pelas duras condições impostas pelos senhores. Os escravos trabalhavam no mar, nas armações baleeiras, nas plantações de mandiocas para produção de farinha nos engenhos, no comércio, em atividades domésticas.

A recompensa em dinheiro pela captura oferecida pelo governo aos capitães do mato se fazia até com anúncios nos jornais. Os motivos eram explícitos: senhores sem seus trabalhadores, autoridades fragilizadas por não coibir esse tipo de situação e a população próxima das áreas temendo saques e furtos. O chamado Registro de Provisões de 1751 considerava quilombo o local que possuísse “ranchos, negros, armas, ferramentas, panelas, pilão”.

Ainda durante o Império, outra prova da presença dos negros escravizados na Ilha. Em 1796, o governador João Alberto de Miranda Ribeiro encomendou um levantamento do número de escravos nas quatro freguesias recenseadas (Nossa Senhora do Desterro, Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, Ribeirão da Ilha e Nossa Senhora das Necessidades de Santo Antônio), que somavam 1.995 – quase um quarto (22%) da população, formada por 9.141 moradores.

O registro trazia outro dado: separava os escravos considerados “forros”, libertos da escravidão, que eram 1,8% do total. Isso significava que 166 pessoas tinham alcançado a liberdade. Gente que não necessariamente partia em busca de outro lugar para viver, mas que muitas vezes ficava na propriedade trabalhando para os antigos donos como se a eles devesse gratidão.

Muitos dos escravizados desembarcaram na Ilha por outros portos como o Rio de Janeiro. Mas a presença africana foi marcante ao longo de todo o século 19, isto é, no apogeu e decadência da escravidão. O pesquisador Henrique Espada Lima sugere em um dos capítulos do livro *História Diversa - Africanos e Afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina* que Santa Catarina foi exportadora de escravos para a grande lavoura cafeeira. O autor também observa que a partir do final dos anos 1860, antes da abolição (1888), existiam procurações de proprietários para comerciantes que atuavam na venda de escravos em outras praças, como Rio de Janeiro e Campinas (SP).

Apesar de a história sufocar os fatos, a presença do negro em Santa Catarina é forte e se mantém. Ela resiste ao passar do tempo e ao discurso que insiste em embranquecer e não assumir sua presença na construção do Estado.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

Notícias dia 15/11/2015

[Exposição retrata o cotidiano em imagens](#)

[Aluno de faculdade privada tenta vaga pública na Udesc: 'Estava difícil'](#)

[Inscrições abertas para o Simulado Online da UFSC](#)

Notícias dia 16/11/2015

[Pedestres sem Mobilidade?](#)

[Prefeitura de Tijucas - SC recebe inscrições de dois novos processos seletivos](#)

[Calçadas seguras para os idosos](#)

[Lei 13.188/15 dá direito de resposta a quem não tem o que responder?](#)

[Artista Paulo Gaiad ministra seminário em exposição com suas obras na capital](#)

[Painel discute tendências do mercado de crédito para 2016](#)

[Entrevista: "Precisamos de uma cultura de inovação", afirma Alvaro Prata, ex-reitor da UFSC](#)

[Governo quer finalizar primeiros testes de 'pílula do câncer' em 7 meses](#)

[Carro elétrico compartilhado é criado por estudantes da UFSC](#)

[SDR's: herança maldita](#)

[Palestras movimentam programação do IV Fórum de Integração](#)

Os dois lados dos atentados de Paris

Equipe da UFRJ vence competição de barcos elétricos e búzios, no

RJ

**Startup Weekend Teresina integra Semana Global de
empreendedorismo**

Inscrições abertas para o Simulado Online da UFSC

Para compreender fenômenos complexos